

## A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA MULHER, O CASO DE *O CONTINENTE DE ERICO VERISSIMO*<sup>1</sup>

LIMA, Wendel dos Santos<sup>2</sup>; TAVARES, Carla Rosane da Silva<sup>3</sup>

**Palavras-Chave:** Literatura Brasileira. Gênero. Crítica literária feminista.

### Introdução (com Revisão de Literatura)

Traz-se, no presente texto, considerações sobre os reflexos histórico-sociais na representação da mulher, dentro do contexto literário. Ele apresenta recortes dos resultados do projeto de pesquisa denominado *A representação da mulher em O continente: um panorama histórico-social*, financiado pelo programa de Bolsas de Iniciação Científica – PROBIC – da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul - FAPERGS, da Universidade de Cruz Alta, desenvolvido de agosto de 2010 a julho de 2011.

O Movimento Modernista no Brasil é fruto de uma série de transformações históricas, políticas, sociais e culturais no Brasil e no mundo, que remontam ao fim do século XIX e início do XX, sendo um momento de ruptura com a tradição literária vigente. Nesse contexto, fora do eixo Rio - São Paulo, Erico Verissimo é o representante da Modernidade no extremo sul do país, sendo um dos mais populares prosadores modernos do Brasil (CHAVES, 1970). Em *O continente*, Erico narra cerca de 150 anos de história – ficção e realidade. Com relação à reconstrução histórica da obra,

“[...] sua proposta [a de Erico] tem em conta produzir um cruzamento entre o entrecho ficcional e eventos históricos, de modo que, no universo diegético as inflexões a respeito da História surjam com naturalidade para além dos fatos e das personagens históricas eventualmente referenciados.” (SANTOS, 2005, p. 55).

Em um olhar interdisciplinar, entrelaçando fundamentos de gênero, da crítica feminista e da História, busca-se “melhor ver” o texto literário e compreender a representação feminina, na obra em análise. Considera-se o escrever sobre a mulher, não apenas o registro da história das mulheres ou o silenciamento dela, mas a representação feita delas na e pela literatura, que também serve de

<sup>1</sup> Pesquisa vinculada ao GEPELC – Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação, da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ.

<sup>2</sup> Acadêmico do 2º período do Curso de Letras – Português/Espanhol da UNICRUZ, Bolsista PROBIC/FAPERGS 2010, e Graduado em Letras – Português/Inglês pela mesma universidade. Pesquisador do GEPELC. E-mail: [souwendel@hotmail.com](mailto:souwendel@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professora da UNICRUZ. Doutora em Literatura. Coordenadora e pesquisadora do GEPELC. Orientadora do Projeto de Pesquisa. [ctavares@unicruz.edu.br](mailto:ctavares@unicruz.edu.br)

registro. Os escritos sobre gênero e crítica feminista, surgidos a partir do movimento feminista (anos 60 e 70 do século XX), tratam sobre o papel e a representação da mulher, em contraste com o seu par opositivo distintivo.

Com relação ao gênero, é importante ressaltar sua distinção com sexo, enquanto o último diz respeito a características estritamente biológicas, o primeiro é uma expansão do último, pois se refere a uma construção histórico-social que distingue o papel e a conduta do homem em contraste com o da mulher, ou seja, é um construto cultural. Nesse sentido, “[...] o gênero é o significado social que o sexo assume no interior de uma dada cultura” (LOURO, 2000, p. 147). É uma marca culturalmente constituída na oposição homem - mulher, com base no preestabelecido para o macho e para a fêmea. Em função disso, o registro da história das mulheres aparece, geralmente, “[...] atravessado pelo discurso e atuação da figura masculina, não como o reflexo de uma natural interação subjetiva, mas como o produto de uma arraigada discriminação de sexo-gênero, na qual o espaço social ocupado por ela é ideologicamente reduzido em contraste com o do macho.” (TAVARES, 2007, p. 44-45),

A Literatura, enquanto reflexo da História, também representou a mulher subordinada ao olhar do homem. Nela, assim como na história escrita, fica sempre marcada pela visão, desejos e interesses dos grupos dominantes e o local de privilegio permanece destinado ao homem, pois a história escrita confunde-se com a do homem. Modernamente, segundo Burke (1992), a chamada História Nova busca o registro da história vista de baixo, sob o ponto de vista das classes dominadas. Buscando compreender como os fatos cristalizados pela história oficial influenciaram na vida dos homens comuns, que vivem e fazem história. Nessa lógica, Perrot (2005), afirma que mesmo nos registros organizados por mulheres, elas pareciam despreocupadas em registrar seus “segredos”, sua contribuição.

Por isso, o homem é, ao mesmo tempo, aquele que faz a história e aquele que a registra. Por isso, segundo Carr, “[o]s fatos falam apenas quando o historiador os aborda: é ele quem decide quais os fatos que vêm à cena e em que ordem ou contexto (1996, p. 47)”. Ao escolhe-los e o modo de registrá-los, o historiador expressa, ainda que inconscientemente, sua ideologia, ele extrai deles aquilo que ele e/ou sua classe ou gênero deseja ouvir.

### **Metodologia e/ou Material e Métodos**

O presente estudo resulta de uma investigação bibliográfica, hermenêutica e qualitativa, na qual, com base no levante teórico, procedeu-se às análises da obra em seus diferentes episódios e o resultado, sintético, é apresentado no texto em apreço.

## Resultados e Discussões

Muitas figuras femininas surgem ao longo da leitura da obra, elas são construídas das mais diferentes formas, expressando assim diferentes representações, “[o]s diferentes níveis de representação [...] exigem que o leitor vá montando a história, como se juntasse as peças de um quebra-cabeça”. (SANTOS, 2005, 56), mais que isso, servem para que se possa construir um painel de tipos, os quais, ora frágeis, como impõe o construto social designado para o feminino, ora fortes, conforme se espera do seu par opositivo-distintivo.

Nesse sentido, traz-se alguns recortes pontuais: em “A fonte” é necessário destacar uma passagem, na qual o narrador ao se referir àqueles homens que se aventuravam pelas terras do Continente do Rio Grande do São Pedro, afirma que eles “[...] iam e vinham de sua faina de buscar ouro e prata, arrebanhar gados e cavalos selvagens, prear índios e emprenhar índias (VERISSIMO, 1995, p. 22)”. Vê-se a mulher/índia duplamente subjugada, por sua construção no feminino e por sua raça; ao homem cabe a conquista, à mulher ser tomada, como objeto, esta é a “faina” masculina e o destino, portanto não uma escolha, do feminino.

Ana Terra é, talvez, a personagem de maior consagração da obra, o episódio que leva seu nome tem como fundo histórico o surgimento das primeiras povoações rio-grandenses, em função da conquista do territorial empreitada pelos paulistas. Nessa etapa da obra, as bases da sociedade gaúcha tomam consistência, sendo o homem o esteio da família, as preocupações da mãe com o futuro da filha mostram isso: “– Que ia ser de Ana, uma moça, metida naquele cafundó? Como é que ia arranjar marido? [...]. Dizia que mulher era para ficar em casa, pois moça solta dá o que falar.” (VERISSIMO, 1995, p. 79).

Porém, será em “Um certo capitão Rodrigo” que a figura do típico homem rio-grandense tomará corpo. Bibiana, a exemplo da avó, Ana Terra, dá sequência ao perfil de mulher até então construído, que perpassará toda a trilogia. É a partir das ações de Rodrigo que se pode perceber a visão do feminino, uma vez que ele a trai e as infidelidades são vistas como da natureza masculina. Ao saber de um caso do marido, ela teme que o marido perca o juízo e a deixe, afinal isso seria um escândalo, assim “Tolerava que ele sustentasse a casa da Paraguaia e passasse até algumas noites com Honorina. Mas com Helga a coisa podia ser diferente: Rodrigo era capaz de perder a cabeça.” (VERISSIMO, 1995, p. 364).

Talvez, em “A teiniaguá” surja a mais destoante figura feminina, Luzia Silva, já que ela quebrará o horizonte de expectativa do leitor; as frágeis e submissas mulheres darão lugar à dominadora Luiza, ao menos em relação ao esposo Bolívar. O narrador a apresenta como uma mulher que “lia até livros”, que Santa Fé ““não comportava” uma moça como Luzia”, afinal a

impressão que tinham dela era a de “mulher perdida” e portanto um exemplo perigoso para as moças do lugar”. (VERISSIMO, 2004, p. 08). Os modos de Luzia afrontam a sociedade de Santa Fé, vê-se uma visão bastante avessa a eles.

Por tudo isso, na reconstrução da história pela literatura, mantêm-se aspectos sócio-históricos e ideológicos, na qual a mulher aparece subjugada ao homem, que, neste caso, também narra a história.

## Conclusão

É importante destacar que Erico escreve sobre a mulher de um tempo anterior ao dele, portanto reflexo daquele momento histórico, bem como do que ele vivia, isso acarretou implicações nas suas escolhas estéticas. Assim não há uma única representação, mas diferentes perfis de mulher, ou seja, diferentes representações, nos quais o preestabelecido surge latente. Outra questão é que *O continente* tem como pano de fundo uma sociedade patriarcal, em que as mulheres se prestam ao serviço doméstico, à educação dos filhos e às satisfações sexuais do homem; tudo o que foge a esses princípios não é bem visto. No entanto, a fuga surge exatamente nas personagens cristalizadas na/pela obra, como Ana, Bibiana e Luiza, as quais, por se deslocarem do traçado construído na narrativa, entraram para a História da Literatura Brasileira, já que fazem parte do imaginário social da obra de Erico.

## Referências

- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. V. I. Trad. Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BURKE, P. (org). **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARR, G. M. **Que é história**. 3 ed. 7 reimp. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CHAVES, F. L. **Érico Verissimo: realismo e sociedade**. Porto Alegre: Globo, 1970.
- LOURO, G. L. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, EDUSC, 2005.
- SANTOS, P. B. Aspectos do romance histórico em Erico Verissimo. In: **O eixo e a roda**. v. 11, UFMG: 2005.
- TAVARES, C. R. da S. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano: o romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa**. (Tese de Doutorado) Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- VERÍSSIMO, E. **O continente**. Vol. I. 31. ed. Porto Alegre: Globo, 1995.
- \_\_\_\_\_, E. **O continente**. Vol. II. São Paulo: Cia das Letras, 2004.